

*Ninguém tinha coragem de ajudar a policial caída.
Mas um homem não a deixaria morrer.*

LUTANDO CONTRA AS CHAMAS

Por ANITA BARTHOLOMEW

MARISA SANDERS, policial rodoviária da Flórida, chegava ao fim de mais um longo turno quando, por volta das 22 horas, viu pelo espelho retrovisor um sedã de quatro portas com um dos faróis apagado, no trecho movimentado da rodovia I-95 que cortava Miami.

Quando o carro passou, a policial, com nove anos de serviço, piscou os faróis e fez sinal para que o motorista

parasse no acostamento da esquerda. Ela estacionou atrás do sedã, saltou da viatura e pediu ao motorista que descesse do carro.

— **Q**UAL O PROBLEMA? — perguntou Willie Richburg Jr., caminhando para o lado da radiopatrulha.

Os automóveis passavam velozmente nas cinco pistas à direita.

— Seu farol esquerdo está queimado — disse Marisa, examinando os documentos do motorista e do carro.

Quando ele afirmou que não sabia, a policial o multou por trafegar com o farol apagado e por não usar o cinto de segurança.

Enquanto falavam, os dois não viram a picape que avançava pelo acostamento na direção deles, em alta velocidade. Samuel Silva, 27 anos, dirigia a mais de 110 km/h. Richburg só viu a luz dos faróis quando a picape colidiu com o carro da policial, que se chocou contra ele e Marisa. Ele bateu na policial e foi atirado com um baque a cerca de seis metros de distância, enquanto ela caía perto da radiopatrulha. Quando o tanque de gasolina do carro da polícia pegou fogo, Richburg ouviu o grito angustiante de Marisa.

O dia de Alex Bien-Aimé começara logo após o amanhecer. Primeiro, ele se apressara para concluir as tarefas das aulas de computação na faculdade, depois correria para o emprego de guarda de segurança.

Já eram quase 22 horas e o imigrante de 33 anos estava exausto. Mas naquela noite quente de abril de 1998, bendizia o excesso de trabalho. Se tivesse mais tempo livre, a saudade da mulher e dos filhos que deixara no Haiti poderia vencê-lo.

Bien-Aimé trabalhava e estudava com um único objetivo: levar a família para os Estados Unidos. A embaixada americana em Porto Príncipe só lhe permitiria buscá-los quando tivesse mais dinheiro no banco. Era quase impossível se sustentar, mandar dinheiro para casa e ainda guardar alguma quantia. Mas ele conseguiria, de alguma forma. Em breve todos estariam juntos de novo.

Enquanto o trânsito na I-95 zunia por ele, seus pensamentos vagavam. Miami, apesar de quente, não tinha o calor humano da pequena cidade do Haiti onde crescera. Lá todos se ajudavam, todos eram seus amigos.

Suas reflexões foram interrompidas subitamente por um estrondo.

— Meu Deus! — gritou Bien-Aimé.

Logo adiante havia chamas tão altas que roçavam o topo de um poste de iluminação. As luzes do freio dos automóveis piscavam, enquanto o tráfego começava a se arrastar.

Um pouco mais à frente, Bien-Aimé viu uma confusão de veículos esmagados. Uma picape comprimira

um carro da polícia rodoviária contra o automóvel da frente. Os destroços pareciam uma estrutura metálica disforme, no meio de uma fogueira imensa.

Através da fumaça e das chamas, Bien-Aimé viu uma policial no chão, sob o que sobrara da radiopatrulha. Ela tentava se arrastar para longe dos destroços, mas parecia não conseguir se mover. E as pernas de sua calça estavam pegando fogo!

Sem desligar o motor, Bien-Aimé saltou do carro. Agarrou o galão de água que comprara no supermercado, encharcou o casaco e disparou em direção à mulher caída. Quando passou correndo, ouviu os espectadores atônitos gritarem.

– Não vá! – berrou um deles. – O tanque da picape vai explodir!

– Tenho de socorrê-la! – gritou ele em resposta, abismado por ninguém tentar ajudar a policial.

– Está maluco? – gritaram outras vozes. – Saia daí!

Mas ele continuou, os tentáculos alaranjados e brilhantes do fogo estendendo-se em sua direção quando ele se ajoelhou ao lado da policial. Os pés e as pernas da mulher estavam envoltos em chamas. Tirando o

casaco molhado dos ombros, Bien-Aimé passou-o pelo corpo dela para apagar o fogo, que se extinguiu com um chiado nauseante. O cheiro de gasolina era fortíssimo.

– Consegue se mexer? – perguntou. Os olhos de Marisa estavam fechados e ela não respondeu.

Como era pesada demais para Bien-Aimé levantá-la, puxou-a com cuidado, afastando-a das chamas o máximo que pôde. Ninguém veio ajudá-lo.

O fogo que consumira a radiopatrulha devorava agora a frente da picape, surgindo por baixo do capô. A qualquer instante o tanque de gasolina poderia explodir. Uma voz gritou:

– Há alguém queimando dentro da picape!

Bien-Aimé olhou para o veículo e viu a mulher sentada no banco do carona. Vendo que ela precisava mais de ajuda do

que a policial, deixou Marisa, esperando que ela estivesse a salvo nos minutos seguintes.

Enquanto os espectadores novamente gritavam alertando-o para recuar, Bien-Aimé correu para o lado direito da picape. As chamas queimavam-lhe a pele e chamuscavam seus cabelos. Nuvens de fuma-



© TONY ARRUZA

A policial Marisa Sanders não viu a picape que vinha em alta velocidade.

ça cinza-escuro faziam arder seus olhos, enquanto espiava pela janela.

Então conseguiu vê-la claramente: Maria Puras, uma jovem magra, de 20 e poucos anos. Tinha os olhos fechados, e o sangue escorria por seu rosto. O motorista continuava sentado ao volante. As chamas atingiam os dois através do pára-brisa quebrado.

Bien-Aimé tentou abrir a porta, mas não conseguiu. Então, desviando o rosto, socou a janela do carona com a mão. O vidro rachou, mas não se quebrou. Ignorando a dor, Bien-Aimé socou novamente a janela, que então cedeu.

Em seguida, ele retirou o vidro inteiro, destrancou a porta por dentro e a abriu. Agarrou a jovem, jogou o corpo pequeno e frouxo sobre o ombro e, correndo, carregou-a para um local a uns 20 metros daquele inferno. Depois correu de volta à picape para socorrer o motorista, embora soubesse que ainda tinha de afastar a policial do fogo.

Bien-Aimé não vira — e ninguém havia socorrido — Willie Richburg, que estava caído na estrada.

DAVE THOMAS, 40 anos, terminara um trabalho como técnico autôno-

mo em multimídia e voltava para casa, em Boca Raton. Esperava poder chegar antes que os filhos dormissem, mas já passava das 21 horas quando pegou a estrada. Forçando ao máximo o carro velho, subiu uma lombada e deparou com um mar vermelho de luzes de freio. Então viu o incêndio.



© TONY ARRUZA

Alex Bien-Aimé
correu de volta
às chamas,
rezando para
chegar a tempo.

DE VOLTA À picape, Bien-Aimé gritou para o rapaz ao volante:

— Ande!

Silva, porém, não se moveu. O fogo ardia ferozmente, a cada segundo devorando mais um pouco do veículo. Em breve seria impossível resgatá-lo.

— Está esquentando aqui — gritou Bien-Aimé. — Ande, venha!

Mas Silva parecia pregado ao banco.

Bien-Aimé teve uma idéia. Rapidamente tirou o cinto e

atirou uma ponta para o motorista.

— Agarre aí — gritou. — Vou puxá-lo para fora.

Silva agarrou o cinto e Bien-Aimé o arrastou sobre o banco, atravessando as chamas e finalmente a porta da picape. Ao segurar o motorista nos braços, Bien-Aimé sentiu um cheiro familiar e perguntou se ele tinha be-

bido. O motorista disse que sim. Enojado, mas ainda se sentindo responsável pelo homem, Bien-Aimé levou-o para onde estava Maria Puras.

Ela continuava sem reagir e parecia ter dificuldade em respirar. Bien-Aimé abaixou-se, tapou-lhe o nariz e soprou entre os lábios frios. Ela estremeceu e em seguida inspirou.

Ele não queria deixá-la, mas sabia que tinha apenas segundos para socorrer a policial. Quando se levantou, Silva implorou para que ficasse.

Bien-Aimé sentiu a raiva irromper dentro dele.

– Se sua amiga morrer – gritou –, será por sua causa!

Depois se virou e correu de volta às chamas, rezando para chegar a tempo, mas sem saber de onde tiraria forças a fim de remover a mulher ferida. Só sabia que precisava tentar.

QUANDO THOMAS se aproximou do desastre, viu a fumaça negra e espessa e as chamas furiosas. Mais à frente, distinguiu uma silhueta no chão, em cuja cabeça julgou ver um quepe da polícia rodoviária. De repente percebeu: aquela pessoa estava cercada pelo fogo!

Thomas saltou do carro e correu

para ela. Aproximando-se, ele a viu mais nitidamente. As chamas cobriam suas pernas e um dos braços. *Ah, meu Deus*, pensou Thomas. *Tenho de tirá-la dali!*

Quando ele alcançou a policial, Bien-Aimé apareceu do outro lado. O haitiano olhou para Thomas como se ele fosse a resposta às suas orações.

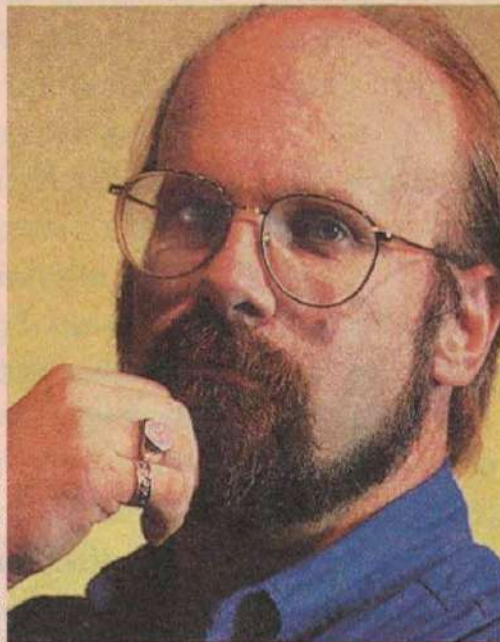
Thomas agarrou o braço e a perna esquerda de Marisa, Bien-Aimé segurou o braço e a perna direita. Juntos, os dois correram, carregando a policial entre eles. Pararam a cerca de 7 metros dos veículos em chamas para deixá-la. Bien-Aimé olhou para o fogo.

– Ainda estamos muito perto – disse, temendo que o tanque da picape explodisse.

Então a levantaram outra vez e Bien-Aimé guiou

Thomas para o local onde deixara Maria Puras. Ali, eles deixaram a policial com cuidado.

Enquanto Bien-Aimé permanecia ao lado dela, Thomas viu um rapaz sozinho, sangrando, as roupas rasgadas e chamuscadas, cambaleando pela estrada, aturdido. O homem caiu e depois começou a enga-



© TONY ARRUZA

Dave Thomas, ao se aproximar do local, viu a fumaça negra e as chamas furiosas.

tinhar, enquanto o tráfego se desviava dele. Os motoristas buzina-
vam, agitavam as mãos e gritavam,
furiosos:

– Saia do caminho!

Percebendo que aquele devia ser
o motorista do outro carro que fora
atingido, Thomas correu para o des-
norteado Willie Richburg e, com
delicadeza, conduziu-o a um ponto
próximo à separação das pistas.
Richburg tremia, em evidente esta-
do de choque.

– Fique aí deitado, olhando a lua
e as estrelas – disse Thomas. – O so-
corro está vindo.

Luzes e sirenes anunciaram a
chegada da polícia e de ambulân-
cias. As duas mulheres foram rapi-
damente levadas para o Centro de
Trauma Ryder do Jackson Memo-
rial Hospital. Richburg, com feri-
mentos menos graves, foi de ambu-
lância para outro hospital. Então os
policiais algemaram Silva e o leva-
ram preso.

Esgotado depois da provação por
que passara, Bien-Aimé olhou ao re-
dor, procurando seu carro. Viu-o a

distância, a fumaça do motor supe-
raquecido subindo do capô. Exausto
demais para pensar no que fazer, pe-
diu uma carona e foi para casa.

*Marisa Sanders sofreu queimaduras
em 30% da área do corpo e passou um
mês alternando períodos de consciência
e inconsciência. Atualmente ela está se
restabelecendo e já voltou a trabalhar
em funções leves.*

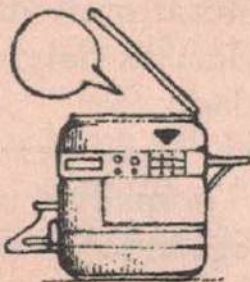
*Maria Puras sofreu ferimentos na
coluna, nas costelas e no tornozelo.*

*Willie Richburg Jr., com ferimentos
leves, foi atendido e liberado do hospi-
tal em seguida.*

*Samuel Silva responde a dois pro-
cessos por dirigir embriagado e por le-
sões corporais graves, e outro por dirigir
com a carteira de motorista suspensa.
Se condenado, poderá passar 14 anos na
prisão. Ele alega inocência.*

*O carro de Alex Bien-Aimé sofreu
perda total. Ele agora vai para o tra-
balho de ônibus e ainda tem esperan-
ças de que a embaixada americana em
Porto Príncipe permita que sua famí-
lia em breve se reúna a ele nos Estados
Unidos.*

SOLDADO DESCONHECIDO



Certo dia um policial veio tirar uma fotocópia na
seção de serviços gerais do batalhão da polícia on-
de eu trabalhava. Expliquei-lhe que a máquina
estava parada e que só funcionaria com *toner* (pó
revelador). Desconhecendo o significado da pala-
vra, o policial dirigiu-se à sala de rádio, pegou o
microfone e falou em alto e bom som:

– Soldado Tony, soldado Tony, compareça à seção com brevidade.

– MARCUS VALERIO C. FREITAS, Rio de Janeiro (RJ)

“ Entre Aspas ”

Primeiro aprenda a fazer, seja o que for,
para depois aprender a fazer bem feito.

—ROBERTO SHINYASHIKI, *A carícia essencial* (Editora Gente)

Somente tendo confiança em nos-
sas crenças é que podemos perceber
o lado cômico do universo.

—FLANNERY O'CONNOR,
Mystery and manners
(Farrar, Straus & Giroux)

Os enganos são uma verdade da
vida. O que conta é a reação ao erro.

—NIKKI GIOVANNI,
Black feeling, black talk,
black judgement (Morrow)

Cave no local onde o ouro está en-
terrado, a não ser que você só esteja
precisando de exercício.

—JOHN M. CAPOZZI

Se você tiver a sorte de encontrar
um meio de vida de que goste, pre-
cisará ter a coragem para vivê-la.

—JOHN IRVING,
A prayer for Owen Meany (Ballantine)

**Amigos são luzes no
inverno – quanto
mais velho o amigo,
mais viva a luz.**

—ROGER ROSENBLATT *na Time*

**Somos todos
frágeis fios. Mas
que tapeçaria
formamos!**

—JERRY ELLIS,
Walking the trail (Dell)

Quem se leva a sério demais corre
o risco de parecer ridículo; quem
sempre consegue rir de si mesmo,
não.

—VÁCLAV HAVEL,
Disturbing the peace (Knopf)

Qualquer pessoa pode respeitar o
domingo, mas torná-lo sagrado cer-
tamente toma o resto da semana.

—ALICE WALKER,
In search of our mothers' gardens
(Harcourt Brace)

Seus clientes mais insatisfeitos são
a sua maior fonte de aprendizado.

—BILL GATES,
A empresa na velocidade do pensamento
(Companhia das Letras)

Se sua mente não é aberta, feche a
boca também.

—SUE GRAFTON,
M is for malice (Ballantine)